

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Maria Helena Gonçalves**

registada em 2009-02-10  
por

Jenny Campos e Susana Pires



## **Maria Helena Gonçalves**

Maria Helena Gonçalves nasceu no dia 4 de Maio de 1952, na Mourísia. Filha de Emília dos Anjos e Albino Gonçalves. O pai trabalhava nas terras e nas serras a fazer carvão, e nas obras a dar serventia. Maria Helena é a mais nova dos 12 filhos. “As brincadeiras antigamente era a correr atrás uns dos outros.” Como não havia brinquedos brincava com pedrinhas e fazia as bonecas de trapos. Ainda pequena, com 5 anos, começou a ir pastar as cabras e ovelhas que tinham. Andou na escola até à quarta classe e depois ficou sempre ligada ao rebanho e à agricultura, trabalhou sempre com os seus pais. Manteve-se solteira porque diz ter “uma paixão por toda a gente”. Hoje dedica os dias à agricultura e a ajudar as pessoas naquilo que pode e sabe.

# Índice

|  |    |
|--|----|
| Identificação Maria Helena Gonçalves.....            | 4  |
| Ascendência Emília dos Anjos e Albino Gonçalves..... | 4  |
| Casa Uma casa diferente.....                         | 6  |
| Infância "Brincava-se com qualquer coisa".....       | 6  |
| Educação "Andei na escola".....                      | 7  |
| Religião "Andei na doutrina".....                    | 8  |
| Namoro "Eu tenho paixão por toda a gente".....       | 9  |
| Lugar Mourísia.....                                  | 10 |
| Costumes Plantar para vender.....                    | 17 |
| Ofício Trabalho no campo.....                        | 19 |
| Quotidiano "Assim se vai vivendo".....               | 20 |
| Sonhos "Não tenho nenhum sonho".....                 | 20 |
| Avaliação "Estão a divulgar".....                    | 20 |

## **Identificação *Maria Helena Gonçalves***



### **Maria Helena nas Termas das Caldas de Sangemil (Agosto, 2007)**

O meu nome completo é Maria Helena Gonçalves. Nasci no dia 4 de Maio de 1952, na Mourísia.

## **Ascendência *Emília dos Anjos e Albino Gonçalves***

A minha mãe chamava-se Emília dos Anjos e era da Mourísia. Era doméstica e trabalhava no campo também. O meu pai era Albino Gonçalves. Esse era do Tojo, outra terra da freguesia do Piódão. O meu pai trabalhava nas terras e nas serras a fazer carvão. Nas obras a dar serventia. Eu não cheguei a vê-lo a fazer carvão. Nem sei como se faz. A minha irmã sabe, que ela ainda fez algum, mas eu não.



**As irmãs Diamantina, Maria dos Anjos e Maria Helena,  
nas Termas das Caldas de Sangemil (Agosto, 2007)**

Presentemente estamos oito irmãos. Faleceu um há 26 anos. Mas, a minha mãe teve 12. Quando eu nasci, que eu sou a mais nova, os mais velhos já tinham saído de casa.



**Maria Helena e a mãe Emília dos Anjos (Julho, 1991)**

## **Casa *Uma casa diferente***

Lembro-me da minha casa de quando era pequenina. Era diferente. Era uma sala ampla até ao cimo. No cimo era um quartinho que tinha uma cama e adiante era outra sala, onde havia duas camas. Em cima havia um quarto que era dos meus pais. Acontecia dormirmos dois e três no mesmo quarto. Mas a gente tinha outra casa, em que também se lá ia dormir, os rapazes pelo menos. Eu e os meus irmãos éramos amigos.

## **Infância *"Brincava-se com qualquer coisa"***

As brincadeiras antigamente era a correr atrás uns dos outros. Quando havia neve, era brincar em casa, e quando estava bom iam para a rua. Brincava-se com qualquer coisa. A gente punha umas pedrinhas e deitava umas coisinhas e dizia que ia fazer a comida. Como agora se brinca, por vezes. Mas agora tem-se os preparos pequeninos. A gente a cozer dizia que ia fazer a comida. Cozia, punha em cima de uma pedra e brincava assim. Não havia brinquedos como há agora. A minha irmã fez para mim uma boneca de trapos. Punha-lhe uns paus e uns paninhos e fazia. Os rapazes, às vezes, brincavam misturados com as raparigas, todos juntos.

## **Virar as ovelhas**

Nós tínhamos cabras e ovelhas. Não sei com que idade é que comecei a ir pastar. Era pequenina. Alguns cinco anos, se calhar. Ia com o meu irmão que é chegado a mim. Ele não queria e não gostava de ir sozinho. E depois eu dizia:

- Mas eu também não vou.

- "Então mas vens. Eu não tas mando virar, é só para me fazeres companhia."

Mandar virar as ovelhas é quando elas vão para os terrenos do vizinho. Porque os terrenos têm vários donos e a gente tem que as guardar só no nosso, porque os outros era dos outros. E, então, quando elas iam a fazer mal, a gente tinha que as ir virar. Depois estava cansado e dizia:

- "Vai lá tu."

Depois lá tinha que ir.



**Rebanho de cabras e ovelhas (1995)**

## **Educação "*Andei na escola*"**

Andei na escola. Andei no Sobral Gordo dois anos e depois na Mourísia até à quarta classe. A escola era boa. Era mais ou menos como é agora. Na questão das letras era como agora. A escola era talvez, 20 metros por dez. Era numa casa de habitação e era por baixo, no rés-do-chão. Não era assim uma escola feita mesmo para dar aulas. Era uma casa de habitação.

Quando andava no Sobral Gordo demorava talvez uma hora a pé. No Inverno tínhamos que ir com umas capuchas na cabeça e um chapéu. Tivesse o tempo que estivesse a minha mãe não nos deixava estar em casa. Às vezes, chegávamos lá encharcados e a professora mandava-nos embora. Mas já tínhamos ido à escola. Às vezes, ela tinha pena da gente e dizia:

- "Olha vão-se embora!"

E a gente voltava. Depois dizíamos à mãe que a professora nos mandou embora e ela dizia:

- "Quando eu falar com ela vou-lhe procurar."

Depois ela procurava e ela dizia que sim, que nos mandou embora. Se a gente tivesse mentido já sabia que... A nós não nos ensinou a mentir, tínhamos que falar a verdade.

Os professores, naquela altura, eram bons. Por acaso não eram muito severos. Ouço falar alguns que sim mas, eu não. Lá isso não tenho razão de queixa. Não me lembro de nenhuma asneira que tenha feito. Para aprender era

mais ou menos. Não era de primeira mas talvez não fosse das últimas. Mas também era assim meia pacata. Eu recordo-me, mesmo quando a professora às vezes ralhava. Dizia:

- "Olha isto está mal."

Ensinava e eu ia fazer e ia lá mostrar outra vez. Mas não dizia nada. A professora comigo não ralhava muito. Só tinha que fazer. Tinha que acertar.

### **Trabalhar depois da escola**

Nesse tempo, quando vinha da escola, chegava a casa, a minha mãe deixava-nos comida e dizia assim:

- "Vocês quando chegarem tirem a roupa - porque a gente tinha roupas melhores e médias e já mais usadas - vestem esta, comem a comida e depois vão deitar os animais para a rua."

Quando era pelo menos no Verão, à noite, fazíamos os deveres à luz do candeeirito a petróleo. Punham ali assim e fazia. Era assim. Pelo menos da parte do Verão era de noite que se fazia, porque de Inverno como não havia tantos afazeres os meus irmãos iam deitar os animais. Quando era no Verão que tinha que se cultivar o renovo, havia muito trabalho e então a gente quando vinha, saíamos às quatro horas. No Verão até à noite ainda se faz muita coisa e então a gente ia deitar os animais para a rua.

### **Religião "*Andei na doutrina*"**

Andei na doutrina na Moura da Serra. Era aos domingos antes da missa. Ao princípio aprendia-se era a benzer. Eu quando fui para a doutrina, a minha mãe, já me tinha ensinado. Já me sabia benzer ou persignar-me, é a mesma coisa. Rezar o Pai Nosso, a Ave Maria e a Salve-Rainha. Depois fui aprender os outros mandamentos, aprender a amar e a louvar a Deus.

### **"Lembro-me desses dias"**

Fiz a Primeira Comunhão e a Comunhão Solene. Lembro-me desses dias. A Primeira Comunhão já não estou bem lembrada, já lá vai muito tempo. Agora a Comunhão Solene o que me lembra mais é que quando foi no final, estava lá um primo meu e ele queria tirar uma fotografia e eu não queria. Não queria porque ele para tirar a fotografia tinha que olhar para mim, e quando ele olhava para mim eu sentia vergonha. E então não queria. E a minha mãe e as minhas irmãs diziam:

- "Deixa tirar que é para uma recordação."

E depois eu deixei tirar, o que é nem fiquei bem porque eu estava de má mente. Nem era por vergonha, eu via-o a olhar para mim e pronto sentia vergonha.

Usava-se uma roupa especial no dia da Comunhão. Eu fui de branco. A minha mãe fez-me um vestido e pediu uma coroa e um véu de uma senhora de Monte Frio para eu levar na cabeça. Ia como uma noiva. Como algumas noivas vão hoje.

Não comemos nada de especial nesse dia. Viemos para casa e comemos normalmente. Não me lembra se a minha mãe fez alguma coisa em especial mas penso que não.

## **Namoro "*Eu tenho paixão por toda a gente*"**

Sou solteira. Eu penso que os namoros antigamente não eram como agora. Pelo menos no meu tempo não era assim. Por experiência própria não tenho nada, porque eu nunca tive vocação para o namoro. Nunca namorei. Nem por carta, nem pessoalmente, porque eu nunca me apaixonei só por uma pessoa. Eu tenho paixão por toda a gente. Nunca consegui ter paixão só por uma pessoa.

## **Madrinha de Guerra**

Eu ainda escrevi algumas vezes, quando foi que andou a Guerra Colonial, em África. Era madrinha de guerra para ajudar a passar o tempo. Eu ainda escrevi para alguns porque outros que me conheciam davam os nomes. Eu escrevia desinteressadamente, qualquer coisa. Mas não por casamento. Depois alguns ainda quando regressaram até talvez pensassem mas eu disse não. Ser madrinha de guerra era para ajudar. Eles diziam:

- "Ajuda."

Eu também lá trouxe um irmão meu e então quando escrevia para ele depois escrevia para os outros. Cheguei a escrever para três e quatro. Alguns até nem conhecia, porque eles davam os nomes das raparigas uns aos outros. E depois escreviam. Alguns até mandavam dizer o nome:

- "Se me quiser escrever ajuda a passar o tempo. A gente está aqui neste sítio, quando recebe uma carta..."

Pronto ficavam mais contentes. Se era só para ajudar a passar o tempo também não era por isso. Até havia aqueles aerogramas que não era preciso selo. Só comprava e escrevia, depois dobrava e mandava. Era barato. Púnhamos na

caixa do correio, depois o carteiro quando vinha levava-os e quando eles vinham, vinham trazer à gente. O carteiro vinha todos os dias. Ainda vem.

O que se escreve para uma pessoa que está na guerra é consoante o que eles às vezes dizem. Não tenho ideia do que dizia para os animar porque uma coisa que realmente não é para fixar, eu esqueço. Aquilo que é para fixar eu fixo mas isso não tenho ideia. Talvez a animá-los, que tivessem coragem, que voltariam. Porque eles diziam que ouviam passar as balas, outros que viam os companheiros a ficar feridos. Dizia:

- Pode ser que não lhe aconteça. Vamos tendo esperança. Vamos ter calma porque nem todos lá ficam.

Pronto, palavras de animação. Que eu entendia que segundo a capacidade que tinha que podia dar alguma coragem, algum conforto, alguma esperança. Não lhe podia dizer:

- Olhe, pois é, o seu companheiro morreu, amanhã se calhar vai ser você.

Não podia dizer. A gente tem que dar sempre uma esperança, seja quem for. Mesmo que amanhã seja um dia pior, a gente tem que dizer que vai ser melhor. Se piorar, temos que ter paciência e enfrentar, ultrapassar.

## **Lugar Mourísia**

O santo padroeiro da Mourísia é a Senhora da Assunção. Faz-se festa no terceiro sábado de Agosto. Lembro-me, mais ou menos, das festas antigamente. Eram como agora mais ou menos. Tocavam conjuntos e, às vezes, vinha a banda que fazia a procissão e ficava até à noite ou até ao pôr-do-sol. Depois ia-se embora e havia sempre na terra uma pessoa que sabia tocar e ficava até às tantas. E havia bailarico.

A gente conversava em qualquer altura. Mas na altura do Verão e das festas era mais porque vinham os de Lisboa. Mesmo ainda hoje é quando vem mais gente de Lisboa, e já há mais gente que convive. Quando é no Verão há aí muitos jovens.

A procissão já no tempo da minha mãe, diz ela que já se fazia. Já lá vão 90 e tal anos. Agora há dois anos que se faz mas teve muitos anos que não se fez. É na mesma como era primeiro: os andores e a banda e a procissão na rua. Às vezes, não há organização e também dá despesa e depois dar comida, quando não há cá gente para dar comida a tanto músico.

No dia da festa a comida era mais a chanfana, tigelada, coscoréis e arroz-doce. Era a base de toda a gente cá na aldeia.



**Nossa Senhora da Assunção arranjada por  
Maria Helena, enquanto mordoma da igreja**

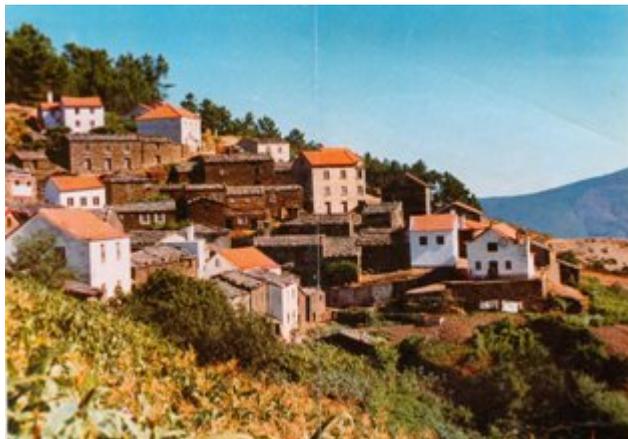
### **Os Califretes**

Não sei porque é que a Mourísia se chama Mourísia. Diz que deriva dos Mouros. É o que eu tenho ouvido dizer. As pessoas da Mourísia são chamados os "Califretes" assim por dizer. É um nome qualquer. Mas isso é por graça, um apelido. Nós somos é Mourisenses.

### **"A Mourísia antigamente era totalmente diferente"**

A Mourísia antigamente era totalmente diferente. As casas pelo menos. Havia mais população, havia mais jovens. A gente sabe que a vida de uma aldeia são as pessoas, os habitantes. Perdeu mais um bocadinho de vida, nesse aspecto. Pois cada vez têm sido menos. Sempre a diminuir. As pessoas têm saído da Mourísia à procura de melhores dias, de outra vida. Emigraram muitas. Umhas foram para França, outras foram para o Canadá, outros para Lisboa, para

a Suécia. Mas a maioria foi para Lisboa. Alguns, nem toda a gente, vêm cá em Agosto. Uns porque não têm tempo e não calha mas muita gente encontra-se nessa altura.



**Mourísia (1965)**

## **Gastronomia**

A tigelada é um doce que a gente faz. Se for feita no forno onde se coze a broa é mais saborosa, mas se for no de gás, já não, porque acumula mais o cheiro dos ovos. A gente põe o leite, os ovos e o açúcar e põe a cozer num tacho, no fogo. Para quem gosta, tigelada é bom, é como tudo.

Coscoréis agora até há muito a vender, esse doce. É amassado, farinha com ovos. Há quem bote um bocadinho de leite, de azeite e açúcar e amassa depois. São lêvedos, fintos e depois estende-se no azeite, quando está a ferver, e estão feitos os coscoréis. A minha mãe fazia assim. Ficavam bons. A gente também comia qualquer coisa. Não havia reclamação.

E carne havia, pelo menos as dos rebanhos. Peixe comprava-se mais era sardinha. Sardinha e bacalhau era o que a minha mãe comprava mais. A nós havia mais que uma sardinha a cada um. Em minha casa a gente comia quantas queria. A minha mãe ia a todas as feiras de Avô. Precisava de compras, ia e trazia sempre sardinha. Às vezes trazia aos dois centos de sardinha. O que não comprava daquela grande era da média. Depois quando ela chegasse e que a gente estivesse em casa fritava logo um bocado delas. Era tanto quanto a gente queria comer.

Até não querer mais. Nunca foi por conto. Não havia o tens que comer tantas. Eu mais a minha irmã já temos falado que, às vezes, ainda comemos menos que nessa altura porque a gente hoje quase que come por conto. Diz-se que não se deve comer muito e a gente, às vezes, come e põe duas ou três ou quatro para cada uma e chega, das médias. Nessa altura, até comia mais se lhe apetecia, se não apetecia também não comia. Realmente nós fomos bem criados. Não haja dúvida que nunca quisemos comprar um bocadinho de pão, nem comer um bocadinho de sopa, ou assim, dentro do que se cultivava, que não fosse de fartura. Eu fui a mais nova mas os meus irmãos mais velhos dizem a mesma coisa.

### **Sem luz e sem água**

Antigamente não havia luz. À noite para andar na rua andava-se com uma lanterna ou não se andava, estava-se em casa. Nos campos, se de noite era preciso ir regar, levava-se uma lanterna. Se não era, não se ia. Tinha-se que se tratar de tudo de dia e de noite vinha-se para casa. Regávamos de noite porque a água era pouca e eram muitos terrenos. E como a gente tem a água pode andar sempre a regar de dia e de noite. Nunca seca porque vem da ribeira. A água está dividida, cada um sabe o seu tempo. Ainda hoje em dia está dividida. Normalmente cada um tem escrita a sua porque senão depois amanhã não sabem. Eu as minhas seis todas de cabeça mas amanhã falta a memória e tem que estar escrito.

Antigamente também não havia água nas casas. Ia-se buscar à fonte, nuns cântaros. É perto de minha casa. Entre a minha casa e a capela. No Verão encontrava-se lá a gente de estar à espera até que se enchessem os cântaros. Os cântaros eram de barro, mas mais tarde já havia uns que era de lata e depois mais aqui há poucos anos era de plástico. A fonte ainda tem água hoje em dia. Nunca secou. No Verão é pouquinho mas agora tem muita. A água era para tudo. Tomávamos banho num alguidar grande. Não havia esquentador e não havia água em casa. Eu por acaso não mas talvez alguém tomasse banho perto da fogueira, se tivesse mais frio. As casas não tinham casas de banho. Para tomar banho tinham um espaço num sítio, num quarto. Alguns até iam para as lojas, levavam a água num cântaro, levavam o alguidar e lá tomavam banho. Depois tomava aquela e ia o outro.

### **"Não havia médico"**

Antigamente, quando alguém tinha que ir ao médico era difícil. Na Mourísia não havia médico, havia em Côja e havia um senhor na Benfeita que chamavam barbeiro, que entendia mais ou menos. Era quase como um médico e muita

gente recorria a ele. Era José Augusto. Conheci-o. Ele receitava medicamentos da farmácia. Eu para mim, não me lembro, mas ainda lá fui com alguém que precisou de lá ir, veio pedir à minha mãe e eu fui com ela para fazer companhia, porque ainda era longe daqui para lá.

As mulheres para dar à luz eu acho que era em casa. E se não conseguissem ou chamavam um médico para vir para casa ou morriam. Havia, costuma-se dizer curiosas, que ajudavam. As pessoas não estavam sozinhas. Só no caso de ser uma coisa de repente que não desse tempo. Mas havia alguém que mandava ir chamar.

## **O Natal**

O Natal quando eu era criança era igual. Não se recebia prendas, na altura. Mesmo hoje não sou muito assim nem de dar, nem de receber. Eu para mim, pessoalmente, na questão disso não me diz muito. A gente comia o que calhava. Nessa altura nem se falava nisso. Foi uma coisa que eu nunca liguei muito.

## **A Páscoa**

A Páscoa era como agora. São as Boas Festas. A gente vai à missa, vem e come. E passa o Domingo de Páscoa. Depois vem o padre, ou quem o representa, ou de manhã ou de tarde, com o compasso, Jesus crucificado. Há anos que já tem vindo cá depois de almoço outras vezes vem de manhã. E pronto é o Domingo de Páscoa. Para mim é assim.

O foliar era aos afilhados. O meu padrinho também ainda me deu algumas vezes. Chamavam o foliar a dar uma prenda que davam aos afilhados. Era consoante as posses de cada um. Davam mais era o trigo. Às vezes o pano, se era rapaz, para fazer uma camisita, ou se era uma rapariga para fazer um vestido. Outros davam só um trigo. Outros davam uma moeda de 25 tostões. Isso era conforme as capacidades dos padrinhos. Eu penso que hoje em dia ainda se faz isso. Mas na altura, diziam que dava só até se casarem. Quando se casassem, perdiam o direito. Também davam foliar ao padre, conforme o que tinham. Uns davam queijo, outros davam ovos, outros era dinheiro.

## **Monsenhor António Pereira de Almeida**

O Monsenhor António Pereira de Almeida era um padre da freguesia da Moura, nascido e criado. Para a Mourísia não sei porque é que ele foi importante. Se formos a ver ele foi importante é para a freguesia porque foi o fundador da

freguesia de Moura da Serra. Porque nós pertencíamos à freguesia de Pomares quando eu fui baptizada. Só que depois ele tentou várias vezes e, pronto, era anulado. Mas houve uma altura que ele conseguiu. Então as terras que estavam mais longe ficaram beneficiadas de ir para a Moura. Eu ainda o conheci, mas já faleceu, há mais de 20 anos.

### **"Há coisas que nos fogem das mãos"**

Não sei o que são lobisomens. Eu ouço contar mas não sei. A minha mãe contava que havia um. O meu bisavô, que era da Moura. Ele tinha os bois na loja e dormia por cima e depois de noite, por volta da meia-noite, que ouvia andar a bater na porta dos bois. Ele disse:

- "Então mas a esta hora o que será?"

Levantou-se e veio ver à janela e viu um boi a andar a bater na porta onde estavam os bois dele.

- "Então que será a esta hora? É meia noite se calhar é algum lobisomem."

Abriu um bocadinho da janela e espetou-lhe a agulhada. E quando ele espetou a agulhada numa pata, automaticamente fez-se um homem. E depois ele pôs-se a olhar e reconheceu o homem e abriu a porta e foi ter com ele e disse:

- "Então o que é que se passa?"

Ele disse:

- "Tu nem sabes o bem que me fizeste porque isto era um sofrimento muito grande. Umhas certas noites a gente tem que se levantar e tem que dar volta a sete capelas. E depois de dar volta a sete capelas é que a gente se volta a transformar num homem. E olha, tu curaste-me porque a partir de agora já não vou ser mais."

- "Então anda para aqui."

Foi para o pé dele para casa e dormiu e depois de manhã disse:

- "Não digas a ninguém que é para ninguém saber."

Isto contava a minha mãe e o pai da minha mãe que aconteceu ao meu bisavô. Acho que não faziam mal a ninguém. Só que também diziam que eles que se levantavam e depois o primeiro cheiro que cheiravam no chão que era nesse animal que se transformavam. Tanto podia ser num burro, como num cão. É o que eu ouço contar. Não sei porque é que esse homem era o escolhido para ser e para se transformar em lobisomem. Talvez trouxesse aquele destino, não sei. Diziam que se uma mulher tivesse sete homens seguidos, sete rapazes, o último era o lobisomem. Falam isso, mas a minha mãe dizia que aquele senhor não era. Também pode ter influência, não sei. Há coisas que nos fogem das mãos. A gente também tem que acreditar nas pessoas que contam porque talvez não

fossem inventar uma coisa assim. Porque quando é uma coisa inventada ou uma brincadeira é uma coisa, quando é uma coisa a sério...

### **O Castanheiro centenário**

Há um castanheiro centenário na Mourísia. Está ao pé da ribeira. É importante talvez por ser antigo ou pela maneira como ele é. Tem muitos buracos e é grosso. Uma pessoa não consegue abraçá-lo. Nem meia dúzia se calhar.

### **A Liga de Melhoramentos**

A Liga de Melhoramentos da Mourísia penso eu que é para angariar fundos para depois fazer melhoramentos. Têm feito muitos melhoramentos. A casa do povo, de convívio, as ruas todas arrançadas a cimento. E mais. Eu contento-me com o que está. Mas eu não tenho ambição porque eu já cá vivi com menos coisas e bem menos e estava feliz, como hoje estou. Não tenho problemas. Não sou ambiciosa e se hoje tivesse que voltar ao tempo que eu me criei eu voltaria sem problemas alguns.



**Mourísia com neve (1999)**

## **A Mourísia actualmente**

Para descrever a Mourísia tinha que fazer uma descrição de como eram as casas talvez, e a povoação em si. As pessoas são boas, simpáticas. Para mim na Mourísia é tudo bonito. Eu não tenho nada de especial. Se eu tivesse que ir para o outro lado não sentia falta de nada nem tinha pena de nada. Desprendia-me totalmente.

## **Costumes *Plantar para vender***

Na altura plantava-se milho, batatas, centeio bastante e feijão. Cultivávamos terrenos nossos e terrenos de outras pessoas. Desde que a minha irmã mais velha nasceu, no princípio, a minha mãe ainda cultivou uns bocaditos de terrenos de outros. Mas depois não. Comprou fazendas. Nós temos muitas terras que os meus pais compraram. Então aproveitávamos para vender algumas coisas que plantávamos, especialmente milho, em grão.

## **A broa**

O centeio servia para misturar no milho para cozer a broa. Cheguei a fazer tanta broa. Para fazer broa mói-se o centeio e o milho e depois peneira-se, numa peneira, que é para ficar aquelas cascas ou alguns cisquinhos que tenha. Depois mistura-se com o centeio a farinha triga de centeio com a do milho e deita-se água até ficar nem muito dura, nem muito mole. Tem uma medida, uma norma. E bota-se-lhe o crescente, que é o fermento, e deixa-se levedar. Depois aquece-se o forno e deita-se as broinhas às bolinhas no forno a cozer.

Os fornos estão na Mourísia. Há muitos. Quase toda a gente tem forno em casa. Eu tenho forno e tenho moinho. Nós tínhamos o moinho da água, que era na ribeira, depois como eles caíram e deixaram de se lá ir moer, nós comprámos eléctricos. Tenho um eléctrico em casa. Agora as pessoas já não vão cozer no meu forno. Ainda cozeram, mas agora não. Antigamente acontecia duas pessoas cozerem ao mesmo tempo broa. Juntavam, às vezes, quando coziam pouca, coziam dois e três, conforme. Para distinguir as broas punham um sinal. Umas espetavam um dedo, faziam um buraco. Outra fazia dois, outra ficava sem nada. Depois fixavam qual era o que tinha. Se fossem três pessoas uma ficava sem nada, outra punha um, dois, espetava os dedos quando punham a broa na pá, para depois se conhecer. Depois diziam:

- "Estas são minhas, estas são minhas. As minhas olha não têm nada, são estas."

## **O queijo**

Naquela altura nós comíamos mais era pão e queijo. Sempre de fartura. Feito em casa. A minha mãe fazia e vendia. Lembra-me como é que se fazia o queijo. Eu também faço porque tenho cabras. Ordenha-se o leite, depois passo-o por um pano para tirar as impurezas que traz, e depois deita-se um bocadinho de cardo. Põe-se ao lume, mais ou menos aquela temperatura, e depois ele coalha. Depois deita-se num acincho, espreme-se e seca-se e está feito. O cardo é uma planta que a gente tem. Dá aquele fruto, um cardo. Planta-se. Há os cardos bravos, que há aí nos montes, mas esse não. Tem que ser outros que há.

## **Trocar lã por mantas**

A lã das ovelhas vendiam-na e depois trocavam em cobertores, mantas. Era troca. Vinha um senhor, pesava-a e depois sabia quanto era o quilo, quantos quilos e depois às vezes, não chegava e dizia:

- "Olhe, são duas mantas e falta um bocadito."

Às vezes dava um bocadito de dinheiro para ser três mantas. Assim é que as pessoas adquiriam, às vezes, as mantas. Porque não havia dinheiro para comprar.

## **A matança do porco**

A matança do porco também já se fez mas agora não se faz. Lembro-me de ter assistido a muitas. Nesse dia havia mais trabalho ainda porque era mais cansativo. Fazer a comida para as pessoas que vinham ajudar.

As mulheres ajudavam nesse dia. A matar algumas ajudavam, outras não. Eu, por exemplo, até o matarem não, mas depois de o matarem eu ajudava a tudo. Até o matarem parece que me fazia assim complexo um bocadinho. Depois de o matar já ia ajudar a carregar água, a raspar e a chamuscar, e depois a abrir e a tratar de tudo.

Para conservar a carne era salgada no sal. Também fazíamos chouriças. De carne, de bofes, de morcelas e de farinha. Mas cá em minha casa. As de carne só migava a carne mesmo de febra. Depois há outra que é a branca que se tira aquela carne mais branca, que depois leva um bocadinho de sangue, e a minha mãe botava-lhe um bocadinho de farinha. Essas eram as de sangue. Depois havia

as que eram dos ossos da cabeça. Coziam-nos numa caldeira e depois naquela calda, deitavam-lhe um bocadinho de carne e deitavam-lhe farinha, que era as de farinha. As chouriças dos bofes eram feitas dos pulmões dos animais. Que eram cortados e depois também era com um bocadinho de sangue e com os temperos. Os temperos eram os mesmos. Era sal, que é o principal e o melhor tempero, colorau, cravinho e cominho, que a minha mãe lhe botava, e um bocadinho de azeite. Não punham vinho. Havia pessoas que faziam picantes e assim outras qualidades mas isto era em minha casa. Depois têm que secar no caniço. Para as conservar a minha mãe punha no azeite. Tinha umas panelas grandes, com umas talhas e punha ali o azeite e depois tapava as chouriças assim com azeite. Depois aquele azeite tirava-se para deitar na sopa. Não se deitava fora.

### **"Também se fazia azeite"**

Também se fazia azeite. Tinha e tenho as oliveiras no Sobral Gordo. Tenho uma quantidade delas. Quando eu era pequena o lagar era nas Casarias, numa terra que pertence à freguesia da Moura. E depois mais tarde já era ao pé de Pomares, e também havia na portela da Cerdeira. Também ia para lá a nossa azeitona, quando a gente a apanhava. Agora já há anos que a gente não a apanha. Lá se perde tudo. Porque eu e a minha irmã sozinhas não dá para ir apanhar. Para estar a chamar pessoas, não há quem e é dispendioso. Tenho família mas também não podem deixar os empregos para ir apanhar azeitona. Primeiro a gente até ajudava uns aos outros:

- "Olha agora vamos apanhar a minha que está mais madura e depois vamos apanhar a tua."

Outros falava-se e ia-se ajudar a apanhar para ganhar algum dinheirito. Mas isso agora já não há assim. Já não compensa. A azeitona que a gente tem, se a fosse a dar às pessoas não chegava para lhes pagar os ordenados. Por isso é que fica.

### **Ofício *Trabalho no campo***

Estive sempre ligada ao rebanho e à agricultura. Trabalhei sempre para os meus pais. Às vezes íamos dar dias de ajuda para ganhar alguma coisa ou às vezes em troca. Ainda fui algumas vezes. A gente íamos ajudar e depois eles vinham-nos ajudar a nós. Não sei quanto é que me pagavam por um dia. Parece que eram 20 escudos por um dia inteiro no campo. De manhã à noite. Se a gente podia vir comer a nossa casa, vinha comer, outros davam a comida. Nem toda a gente era igual.

## **Quotidiano *"Assim se vai vivendo"***

Vivi sempre na Mourísia. O meu dia-a-dia hoje é diferente porque a gente tem limitações que já não pode fazer aquele trabalho que fazia primeiro. Levantome e faço as higiènes que é preciso e tomo o pequeno-almoço. Se há missa, vou à missa, se não há ajudo as pessoas às vezes, quando as pessoas vêm ter a minha casa. Há pessoas que precisam de uma injeção, de medicamentos. Tenho que acompanhá-las a qualquer sítio, precisam de um apoio moral, por qualquer coisa que acontece. Qualquer coisa psicologicamente, a gente ajuda. Estamos para ajudar naquilo que a gente pode e sabe. Dou as injeções por necessidade porque para as pessoas irem daqui para outro sítio fica dispendioso. Aprendi a dar injeções já foi quando o meu pai ainda era vivo. Ele precisava de as apanhar e depois aqui não havia bem quem. Comecei-as a dar e depois a várias pessoas. Continuando no meu dia-a-dia, depois faço o almoço e de tarde vou para as cabras, nos dias que vou. Quando não vou há outras coisas a fazer. E pronto, assim se vai vivendo, com pouca coisa.

## **Sonhos *"Não tenho nenhum sonho"***

Não tenho nenhum sonho. Estou sempre realizada todos os dias.

## **Avaliação *"Estão a divulgar"***

Eu penso que o trabalho que estão a fazer é bem. Estão a divulgar. Cada terra é seu uso e cada roca o seu fuso. Acho importante os mais novos terem noção daquilo que era a vida antigamente. E se eles olhassem um bocadinho para o antigamente, não quero dizer voltarem, mas saberem de certas limitações, as coisas podiam até correr melhor.